

CAMINHANDO



INFORMATIVO DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

ANO III N.º 27 — JANEIRO DE 1990.

Diaconato Permanente
Ordenação dos Diáconos Per-
manentes
Sandoval Lopes de Araújo e
Sebastião
Cosme da Silva.
Dia 13 às 9 hs. — Catedral.

Diáconos permanentes ordenados para o serviço

Diácono Jorge Luiz Soares de Lima

O Conselho Presbiteral acaba de aprovar a Ordenação de mais dois diáconos: Tião e Sandoval. E esta é uma oportunidade para se refletir sobre a missão do diácono na Igreja e no mundo.

Os diáconos surgiram na Igreja Primitiva num momento de conflito interno: as viúvas de descendência estavam sendo desprezadas no atendimento comunitário de partilha fraterna de bens. Sete homens, cheios do Espírito Santo, foram escolhidos pela Comunidade para acalmar os ânimos, restabelecer a concordia e cuidar da ação social. Pela imitação das mãos dos Apóstolos, nasceu um novo ministério, que correspondia perfeitamente a uma necessidade social.

O diaconato se tornou, assim, uma dimensão do sacramento da Ordem. Como os bispos e os padres, os diáconos participam do sacerdócio de Cristo, representam, no Corpo, que é a Igreja, o Cristo-Cabeça. São sinais da unidade, promotores da Comunidade e distribuidores dos dons de Deus. Chamados a santificar o Povo de Deus e a lhes anunciar a Palavra que salva.

Uma Igreja sem diáconos se priva de um ministério indispensável. Pois o diácono é o animador oficial do serviço da caridade, numa Igreja toda ela ministerial. Assim como faz falta à Igreja o bispo e o padre, faz falta também o diácono, pois o rebanho precisa de pastores que não sejam plasmados pela mão do homem, mas pela mão de Deus.

O diaconato é a consagração de uma pessoa, toda inteira, numa vocação específica. O diácono não é suplente do padre, nem é um super-ministro, com poderes que o leigo não tem. Ele é "outro" pela Ordenação sacramental.

O diácono não pode ser definido a partir de sua função, a partir do que pode ou não pode fazer. Olhando assim seria um servidor útil, já que não pode fazer algumas coisas que o padre faz e não o que faz o leigo pode fazer extraordinariamente.

OS NOVOS DIÁCONOS

Dia 13 de janeiro nossa diocese estará em festa. Além da ordenação sacerdotal do Renatinho, serão ordenados para o MINISTÉRIO PERMANENTE DO DIACONATO: Sebastião Cosme da Silva (Tião) e Sandoval Lopes de Araújo.

No artigo ao lado, nosso companheiro Jorge Luiz, o primeiro diácono permanente da Diocese, faz uma análise sobre este assunto. Sabendo já o que significa Diácono Permanente, vamos conhecer um pouco nossos novos diáconos: SANDOVAL LOPES DE ARAÚJO tem 50 anos, é natural de Taboão-PA, tendo vindo para o RJ com três meses de idade; é casado há 16 anos com Deusarina Velloso de Araújo e tem 3 filhos: Luiz Felipe, Daniele e Eveline. Participa da Comunidade São Francisco de Assis — Morro Agudo — com o Ministro do Batismo e da Palavra. A nível de diocese atua como coordenador da Comissão Diocesana de Catequese.

SEBASTIÃO COSME DA SILVA tem 45 anos, é assistente técnico de telefonia e natural de Nova Iguaçu; é casado há 23 anos com Ana Regina Formoso da Silva e tem três filhos: Flávio, Alexandre e André. Participa da Comunidade de São Francisco de Salles — Cruzeiro do Sul — na Pastoral do Batismo, equipe de noivos, sendo também Testemunha Qualificada do Matrimônio; na Diocese atua na Comissão de Liturgia e na Equipe de Apoio da Coordenação de Pastoral.

CAMINHANDO procurou saber com eles as motivações, os planos e as dificuldades que pensam encontrar vivendo esta nova realidade. Pensamos que estas são perguntas que todas as comunidades gostariam de fazer à eles.

CAMINHANDO — O que os levou a tomarem a decisão de serem diáconos?

Tião — Esta história começou ainda no tempo do Padre Aristides (final dos anos 60), vem de muito longe. E foi reforçada pelos outros padres que vieram trabalhar aqui: Renato, Teresio, Bartolomeo... A



Sandoval ministrando um batismo chegou ao Rio com três anos e hoje participa da Comunidade São Francisco de Assis como Ministro do Batismo e da Palavra

decisão em si, pintou em agosto de 88. Conversei muito com minha esposa, com o pároco e resolvi fazer a carta-pedido à Dom Adriano.

Sandoval — Eu estudei no Seminário Paulo VI até o 3.º ano de Teologia, e sempre tive uma certa inclinação para a coisa. Com a abertura do Concílio e a adoção do Diaconato Permanente por outras dioceses, esta idéia veio mais clara; inclusive, na última Assembléia Diocesana, eu joguei o assunto em plenário e Dom Adriano me olhou um pouco espantado. Talvez porque, até então, eu tenha estado um pouco escondido na diocese, trabalhando mais nas bases. Depois, quando saiu a ordenação do Jorge, eu procurei me informar com ele sobre como fazer para me tornar também diácono. Também conversei bastante com minha esposa, com meu vigário e fiz a carta-pedido à Dom Adriano.

CAMINHANDO — A ordenação vai acrescentar algo mais na vossa participação comunitária?

Tião — Bem, como diácono terei a função de animar os ministérios.

Na verdade não devo, nem vou substituir ninguém. Penso que nós, diáconos, deveríamos ser destinados à paróquias onde estejam fracas as atividades ministeriais.

Sandoval — Isso, devemos fazer um trabalho coordenado junto com os ministros. Não faremos um trabalho de substituição, mas de ajuda à diocese na multiplicação dos ministérios.

CAMINHANDO — O Diaconato Permanente é o objetivo final de vocês, ou apenas um degrau na escalada para a ordenação de homens casados?

Sandoval — Não tenho dúvidas de que nossa ordenação vai ajudar em muito os leigos a assumirem mais a Igreja. Será de grande apelo à vocação religiosa. Claro, porque os participantes da comunidade, os nossos filhos e parentes, todos se sentirão motivados à um maior engajamento. Estou certo de que, dentro em pouco, surgirão muitos outros pedidos. Depois, é evidente que a ordenação diaconal é apenas um passo no projeto de ordenação de homens casados.

Tião — Lógico que nós estamos sendo os precursores deste objetivo. É preciso perceber-se que a realidade brasileira é diferente da européia. A Igreja do Brasil tem uma necessidade premente dessas ordenações. Todos sabem da preocupação de Dom Adriano com este tema. Esperamos que no ano que vem, quando ele for à Roma, fale de novo sobre a ordenação de homens casados com o Santo Padre. E que o convença desta vez.

Conversamos ainda sobre vários outros aspectos da participação comunitária. Vimos que um dos critérios para a ordenação de novos ministros, além da carta-pedido, será um curso na Escola da Fé que funciona no Centro de Formação em Moquetá.

CAMINHANDO torce fervorosamente para o sucesso destes novos amigos e anseia que a doação deles, de se colocar a serviço dos irmãos, se propague e multiplique sobremaneira o número de Diáconos Permanentes em nossa diocese.

Caminhando entrevista Dom Adriano

ESTAMOS iniciando a última década deste milênio. Num contexto de avaliações e planos, trazendo as opiniões do nosso Bispo Dom Adriano até nossos leitores, sua visão sobre os acontecimentos em nossa diocese nos últimos 23 anos, sua opi-

nião pessoal sobre a forma de encaminhamento dos planos de trabalho para os próximos anos, suas perspectivas enquanto pastor deste enorme rebanho da Diocese de Nova Iguaçu. (Páginas 2 e 3)

ENTREVISTA COM DOM ADRIANO

01 — CAMINHANDO — Dom Adriano, qual a posição do senhor diante dos compromissos assumidos pela Assembléia Diocesana de novembro de 89?

Dom Adriano: A pergunta é um tanto surpreendente. Uma Assembléia Diocesana está profundamente ligada ao bispo, desde a convocação até as decisões finais. Por isto não posso responder senão dizendo que assumi e assumo, integralmente, os compromissos assumidos, aliás de plena fidelidade à Assembléia Diocesana de 1983, quando fora estabelecidas as prioridades válidas até a conclusão do 1.º Sínodo Diocesano: formação, ação social, juventude. O esforço da diocese em estruturar-se, a partir de comunidades eclesiais de base, foi sempre uma constante de nossa Pastoral. A paróquia conserva o seu lugar na estrutura, mas como não podemos multiplicar as paróquias juridicamente constituídas — são paróquias gigantes —, resta-nos, aproveitando as mais diversas sugestões e os mais diversos modelos, desmassificar a paróquia — sempre gigantesca entre nós — em comunidades menores que, por serem enraizadas no solo da Igreja Católica, se chama com direito e razão: "Comunidades Eclesiais de Base" (CEBs). Nossa Assembléia quer, agora com mais peso oficial, multiplicar e formar CEBs em toda a Diocese de Nova Iguaçu. Em torno do VII Encontro Nacional das CEBs, em Duque de Caxias (julho de 1989), escrevi vários artigos sobre as CEBs, nos mais diversos aspectos. A mim me preocupa tanto a monstruosidade do tamanho de nossa paróquia pelo número de habitantes como também uma falha das possíveis CEBs, como já mencionei em alguns artigos e palestras.

02 — C: Qual vem a ser essa falha?

A: Já lhe digo. À essência da Igreja pertencem o Sacramento da Unidade tanto visível como estrutural que é a Eucaristia. Sem Eucaristia não existe Igreja Católica. Mas também o Sacramento da Reconciliação com a Unidade — o Sacramento da Penitência — faz parte essencial da Igreja Católica. Com outras palavras: a Igreja, universal ou particular, vive do Sacramento da Eucaristia e do Sacramento da Penitência, como partes integrantes, que junto com a Palavra de Deus e os demais sacramentos, junto com as verdades reveladas, fazem a Igreja ser Igreja de Jesus Cristo. Lembrei várias vezes o célebre versículo dos Atos dos Apóstolos (Atos 2,42), como um resumo do que é a Igreja, na vivência da Igreja primitiva e na vivência da Igreja de todos os tempos. Ouçamos o que nos diz Lucas dos primeiros cristãos: "Eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na vida comum, na fração do pão e na oração" (At 2, 42). Que a CEB persevere na doutrina dos apóstolos, quer dizer: na Fé da Igreja, e na oração, não é difícil. A dificuldade começa quando falamos da vida comum ou da comunhão fraterna e sobretudo da fração ou partilha do pão. Os primeiros cristãos chamavam a Eucaristia de "partilha ou fração do Pão Eucarístico". Às vezes davam a "fração do pão" também o sentido da partilha do pão de cada dia e no pão simbolizava-se tudo o que é necessário à vida digna de filhos de Deus —, isto como consequência prática da

partilha do Pão Eucarístico. De fato é impossível compreender uma partilha do pão de cada dia entre os que são cristãos, entre os que são marcados do Amor de Cristo para a comunhão de Fé, de Esperança, de Amor, numa palavra que resume tudo: para a comunhão cristã, fraterna de vida. Como somos pecadores, a comunhão fraterna deve contar também com um sacramento de reconciliação pelo qual se restaura a unidade perdida pelo pecado.

03 — C: O que tem a ver isto com as CEBs?

A: Tem a ver muito. Na tradição de nossa Igreja cabe somente ao ministro ordenado, àquele que chamamos hoje de padre ou presbítero celebrar tanto o Sacramento da Unidade, que é a Penitência ou a Confissão. Faltando o padre, a Igreja fica privada dos dois Sacramentos essenciais. É porque faltam os padres que não podemos multiplicar as paróquias em número razoável. As CEBs querem desmassificar as grandes paróquias, mas no seu zelo do Reino de Deus não devem esquecer que, conservando embora os elementos integrantes que Lucas chama de doutrina dos apóstolos, de comunhão fraterna e de oração, não dispõem de sacerdote que de modo estável realizem na comunidade os dois sacramentos, da Eucaristia e da Penitência. Se as CEBs tivessem um ministro ordenado ou padre, aí sim, estariam presentes todos os elementos integrantes da comunidade católica. A falta da Eucaristia e da Confissão é o senão das CEBs. Estamos assim diante de um impasse aparente: as paróquias são gigantes porque faltam padres — é preciso desmassificar as grandes paróquias pela multiplicação das CEBs — mas às CEBs que são comunidades eclesiais faltam os padres que celebram os Sacramentos da Eucaristia e da Confissão. Aparentemente está aqui um impasse. Como afastá-lo? A meu ver seria possível, se a Igreja admitisse a ordenação de homens casados, provenientes da própria CEB. Com a presença constante deste padre que pertence à comunidade eclesial, haveria em cada CEB alguém qualificado para celebrar a Eucaristia e a Penitência. Teríamos assim comunidades vivas, transbordantes de Amor, no sentido das primitivas comunidades de Igreja.

04 — C: Quer dizer que o senhor pensa na abolição do celibato...?

L-T A: Não penso em abolir o celibato do padre católico, mas existe hoje em nossa Igreja. Defendo a sua conservação, como regra. Mas pela falta de padres durante mais de cem anos em nossa Pátria — uma falta de padres verdadeiramente crônica, cem anos não são cem dias nem mesmo dez ou vinte — por que, "para o bem das almas" (como diz várias vezes o novo Direito Canônico), não podemos pensar em postular um novo modelo sacerdotal de homens casados que são, com licença da Igreja, ordenados padres? Se não ideologizarmos o celibato, quer dizer: se não pusermos o valor do celibato acima do Amor que é o valor supremo na mensagem de Jesus Cristo, não haverá dificuldade nenhuma para Igreja aceitar a ordenação de padres casados — os homens experimentados ou "viri probati" de que se fala em alguns países — para preencherem, enquanto necessário, a lacuna dos padres celibatários.

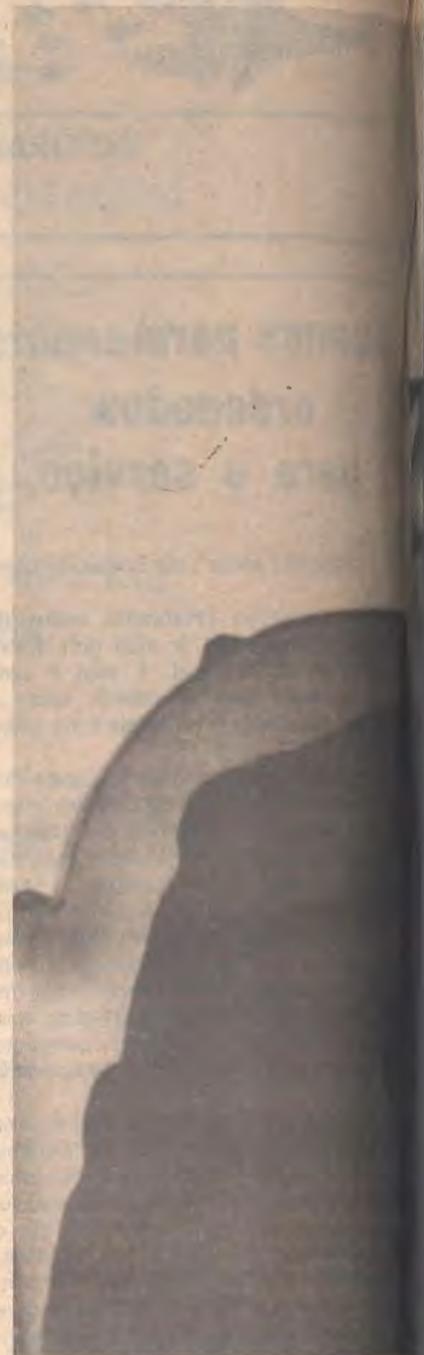
05 — C: Mas não surgiriam então novas dificuldades para a Igreja? Se já é tão difícil manter dignamente o padre celibatário, como seria a situação do padre casado?

A: Esta é uma dificuldade. Existem outras, com certeza. Mas ao tomar uma decisão amadurecida, não olhamos em primeiro lugar as dificuldades mas a necessidade de tomar a decisão. Aqui seria uma decisão que parte da caridade pastoral e do "bem das almas". Convictos de que para preservar os elementos integrantes da Igreja (como Lucas nos propõe segundo o exemplo da Igreja primitiva), a Igreja toda, por isto mesmo a CEB, precisa dos dois sacramentos da Eucaristia e da Penitência; convictos de que o Povo de Deus não pode ficar longo tempo sem a Eucaristia e sem a Penitência, como sucede há séculos no Brasil e nos demais países da América Latina: convictos de que o celibato, apesar de sua importância pastoral, é uma instituição da Igreja e não determinação divina; convictos de que os sacramentos da Unidade e da Reconciliação, fazem parte integrantes e essencial da Igreja, o que é que impede sanar (ao menos em parte) a falta crônica de padres e a falta crônica desses importantes sacramentos mediante uma alteração (não totalmente inédita, basta pensar no sacerdócio da Igreja Ortodoxa, basta pensar nos pastores protestantes que se converteram à Igreja Católica, que pediram e obtiveram a graça de ser Ordenarem presbíteros da Igreja Católica, mantendo o seu lar, sua família...). Convictos da situação calamitosa de milhões de católicos que têm direito à celebração Eucarística no dia do Senhor — esperamos que o Divino Espírito inspire os homens responsáveis de nossa Igreja a dar um passo importante como seria a permissão de ordenar homens casados.

06 — C: Em 1990 nossa diocese completa trinta anos de fundação. Como o senhor analisa a caminhada da diocese, nos vinte e três anos que o senhor esteve à frente dela?

A: Vinte e três anos são uma geração. E numa geração sucedem muitas coisas, agradáveis e desagradáveis, positivas e negativas. De per si, quem acompanha de dentro a caminhada de nossa diocese não será necessariamente a pessoa mais indicada para julgar. Nem aqui haveria o espaço necessário para historiar a vida da Diocese de Nova Iguaçu no período de 1966 a 1989. O que, às vezes, me parece, para mim mesmo, o motivo convincente para analisar nossa atuação pastoral durante o meu já longo ministério episcopal na Baixada Fluminense, é o dever de celebrar as maravilhas que Deus tem realizado no seu Povo humilde e nos seus servidores fiéis. recorde por exemplo, os padres que exerceram seu ministério, com um zelo e uma dedicação exemplares. Dos padres que encontrei na diocese em novembro de 1966, sobraram, ainda atuantes, somente o Mons. Arthur, em Olinda, (Nilópolis) e o Pe. Monteiro, pároco do K-11. Assim mesmo o Pe. Monteiro passou alguns anos fora da diocese como Diretor Nacional da Cáritas. Dois padres estavam então aqui, saíram durante vários anos e depois voltaram: o Pe. Fernando e o Pe. Pedro, da Congregação do Imaculado Coração de Maria, que tanto bem faz à nossa diocese desde os tempos de Dom Honorato, nosso segundo bispo. A História da Diocese de Nova Iguaçu será um dia escrita. No momento basta dizer que nossa Igreja, apesar de todas as falhas, é uma Igreja dinâmica, engajada na mensagem de Jesus Cristo Libertador e Salvador da Humanidade e comprometida profundamente com os pobres, no sentido do Evangelho.

07 — C: Seu período à frente da diocese está terminando. O que o senhor espera realizar nesses três anos que faltam. Quais serão os



passos seguintes?

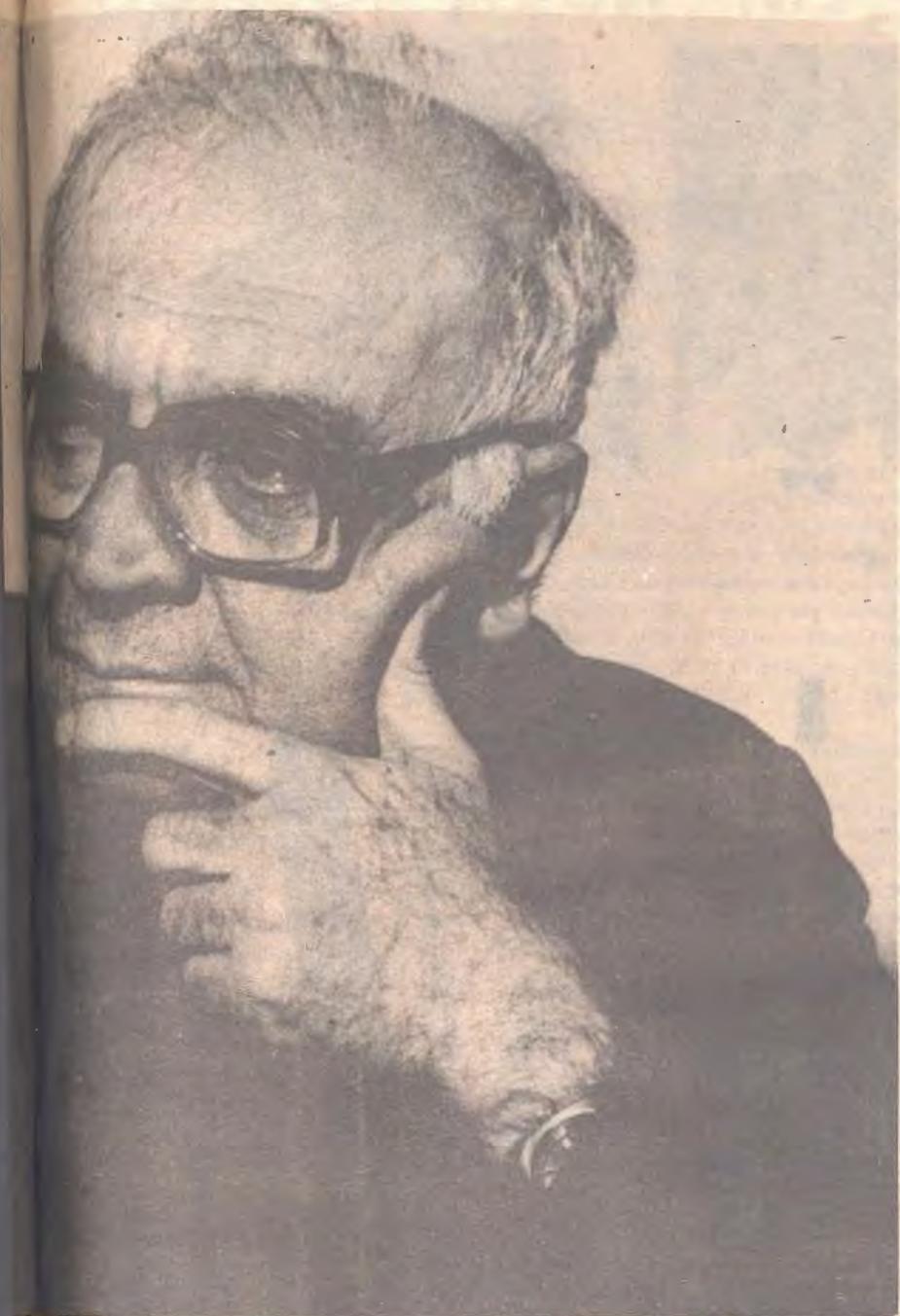
A: Se não mudei em vinte e três anos não sou eu quem mudará em três anos. Me restam para a aposentadoria como bispo de Nova Iguaçu. Faço brevemente setenta e dois. Completando setenta e cinco, renuncio, segundo a legislação canônica, a pirada no Vaticano II. Em três anos continuo fazendo o que sempre fiz e devo fazer. Espero conservar a linha de fraternidade desde o princípio tem marcado nossa caminhada. Diante dos meus olhos esteve sempre orientando, norteando, fecundando, a palavra clara de Jesus: "Vocês todos são irmãos" (Mt 23, 8). Sinto-me irmão entre irmãos. Não sou, nem pretendo, ser nada mais do que irmão e servidor dos meus irmãos. Como Jesus nos orienta. A partir deste esforço constante de fraternidade é que pretendo marcar nosso esforço pastoral e nossa comunhão eclesial. Em algumas ocasiões, mais raras, em alguns momentos de conflito, vivi na carne o desafio proposto ao irmão fraterno, ao amor que me liga aos meus irmãos e irmãs, quaisquer que sejam. E do amor fraterno, do espírito de família, nasceram as soluções. Continuarei marcando de fraternidade os meus últimos anos como bispo da Igreja de Nova Iguaçu. Dentro do espírito vou enfrentar alguns problemas urgentes e graves. Cito por exemplo, o problema do patrimônio. A Diocese de Nova Iguaçu é pobre, suas rendas não cobrem metade das despesas. Sobre tudo no que respeito ao Seminário Diocesano de

EXPEDIENTE: CAMINHANDO

Publicação da Diocese de Nova Iguaçu
Rua Capitão Chaves 60 — Centro — 26.220
Nova Iguaçu — RJ

Tel.: 767-0472 — à tarde
Coordenador Pastoral
Pe. Bruno

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica
e Editora Jornal de Hoje Ltda.



três tentei formar um patrimônio suficiente ao mesmo tempo balizado pelo esmo da pobreza, porque Nova Iguaçu é sempre pobre, porque é também uma cidade de pobres. Mas como conservar sua identidade em face do poder do mundo, os serviços da Pastoral se for uma Igreja voltada para os pobres, dos ricos, dos poderosos? Sempre me esforcei em formar esse patrimônio suficiente. Em vinte e três anos não consegui chegar até lá. Ou porque a falta de recursos morais da Igreja nos impedem de assumir certos tipos de patrimônio ou porque a inflação cancerosa de que sofremos atualmente não permite êxitos às nossas iniciativas, o certo é que até agora dependemos das ajudas externas. Tudo o que conseguimos em nível diocesano — Centro de Formação de Moquetá, Casa de Oração São João Maior, Seminário Diocesano Paulo VI, Centro Diocesano da Pastoral etc. etc., — é graças a nossos irmãos de vários países, especialmente à Alemanha. Em nível de paróquia a colaboração dos fiéis tem sido realizada de modo mesmo assim muita coisa se deve às generosas do estrangeiro. Mas se não houver mais, muito numerosas nos últimos três anos é todas necessárias para o Povo de Deus, foram na maior parte financiadas por nossos irmãos de fora, e a situação cabe-nos a nós mesmos, tanto em nível de paróquia como em nível de diocese. Temos um déficit substancial. Estou procurando, mas ainda

não encontrei, a pista certa para formar um patrimônio suficientemente sólido. Temos até agora as pequenas contribuições das paróquias, sempre defasadas e sempre diminutas, porque basicamente as paróquias só recebem as pequenas contribuições dos pobres. Temos a Cozinha Industrial e o Restaurante Sto. Antonio que, pela crise reinante, estão muito longe de renderem o que, pelas instalações, deveriam render. Temos o estacionamento atrás da Catedral que é, por sua natureza, a fonte mais importante de renda. Tudo por tudo, esse patrimônio mais ou menos uns 40 por cento das despesas normais de nossa diocese. Peço ao Divino Espírito que me inspire na descoberta de novas fontes que sejam suficientes mas continuem preservando a pobreza de uma Igreja que está firmemente comprometida com os pobres. Importante para os próximos anos será, sem dúvida o 1.º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu que começou em janeiro de 1987 e vai terminar, se Deus quiser, em dezembro de 90. O Sínodo tem por tema: "Transmitir a Fé" e por lema: "A Baixada busca o Deus Libertador". Com os olhos postos em Jesus Cristo, iniciador e consumador da Fé, estamos fazendo uma revisão geral de nossa Pastoral, estamos procurando conhecer com mais profundidade a situação concreta de nosso Povo, estamos tentando achar novas pistas para o trabalho de amanhã. Da Fé tiramos a substância de nosso engajamento pastoral. Da Fé descobrimos que as grandes

referências de nossa atuação de Igreja são duas: uma referência absoluta — Jesus Cristo — e uma referência relativa — o Povo, que é necessariamente Povo de Deus real ou potencial. Nosso 1.º Sínodo nos ajudará a crescer e assumir formas atualizadas da caridade evangélica.

08 — C: O senhor fará visita pastoral em todas as paróquias da diocese, nos próximos três anos. Que sentido o senhor quer dar a esse trabalho?

A: A visita pastoral é um dos aspectos normais do ministério do bispo. Todos os bispos a fazem. Durante vários anos visitei as paróquias. Mas confesso que não pude anteriormente descobrir o tipo de visita pastoral mais conforme à situação do Povo da Baixada. A visita pastoral, como tanta coisa na paróquia e mesmo na diocese, tem conservado a marca de uma civilização agrícola e de uma cultura mais atrasada, também a marca de uma cristandade muito voltada para si mesma e para sua riqueza interior. O que quero dizer com isto? O mundo moderno desafiou e desafia todos os aspectos da vida da Igreja, sem exceção. Revelação é discutida e negada. Moral é discutida e negada. Liturgia é discutida e negada. Magistério é discutido e negado. A Igreja como tal é discutida e negada. Além da discussão e negação, há também outro aspecto relevante: é a aceitação da Igreja e de seu conteúdo numa aceitação meramente formalista, vazia de sentido, como por exemplo (somente para citar um exemplo espalhado pela revista VEJA, de 24.12.89, Brasil afora) são as superstições do Presidente recém-eleito, sua procura de Igreja e ao mesmo tempo de médiuns, pais de santo, videntes. Uma aceitação da Igreja privada de seu conteúdo divino, revelado, deixa um tremendo vazio que é preenchido por todo tipo de credices, superstições e deuses. Lamentemos ou não, chamemos esse processo de grande secularização ou não, o fato é que através dos meios de sociais (pensemos nas novelas...) todos esse fenômenos culturais das classes dominantes não ficam restritos às classes dominantes, mas transbordam por todo o povo. Mais cedo ou mais tarde, o nosso Povo será um Povo de semi-cristãos e semi-qualquer-outra-credice. Digo isto com um profundo constrangimento. Mais ainda com insistente convite à nossa Igreja para tentar, com a luz do Espírito Santo, uma revisão profunda de sua Pastoral e uma corajosa disposição de completar sua referência absoluta a Jesus Cristo com uma referência mais encarnada, mais existencial, mais humana ao Povo concreto onde se faz o trabalho de evangelização e a Pastoral. Mas voltemos à visita pastoral. Dispuse-me a visitar todas as paróquias — são 42 com um milhão de comunidades — durante os meus três últimos anos de bispo diocesano. Pensei no que poderia ser a fórmula mais atualizada. Consultei vários padres. Refletimos juntos. Chegamos a certos resultados que, se não são grande novidade nem grande inovação, satisfazem melhor o meu zelo pastoral. A visita pastoral será uma grande missão em nível de paróquia (as comunidades serão incluídas, na medida do possível) e em nível de região pastoral. Visita num determinado período todas as paróquias da região. Durante oito dias a paróquia vive em clima de missão popular. Começa a missão, confiada a padres, religiosas e leigos, no domingo à noite. Põe-se o peso maior na catequese da Fé orientada para a vida e nos sacramentos orientados para a evangelização: o discípulo de Jesus Cristo assume a missão que Jesus Cristo confiou à sua Igreja e a cada membro conscientizado da Igreja. Nossa Fé é uma Fé dinâmica e explosiva: quer atingir todos os setores da vida social e todas as pessoas, sem exceção. Os sacramentos, como sacramentos da Fé e da comunidade, nos enriquecem para

assumirmos com mais intensidade o nosso apostolado de cristãos. Com um temário adequado, a catequese procura atingir os cristãos mais engajados, para conscientizá-los de sua missão apostólica. Na quinta-feira entra a colaboração do irmão bispo, como alguém que é mestre da Fé, servidor da Igreja particular, como alguém que se põe à disposição dos grupos dinâmicos da paróquia e das comunidades. Haverá assim encontros com os ministros ordenados ou não da paróquia e da região, com religiosas, com os jovens com os operários, com as crianças, com os pais, com os professores etc. A paróquia mesma organiza o seu programa dentro das linhas gerais. Dá-se importância especial à Palavra de Deus, à Eucaristia e à Penitência. No domingo imediato encerra-se a visita. Depois, num domingo adequado, perto da visita, o bispo diocesano e todos os párocos administram o sacramento da Crisma a pessoas da região comunitariamente. Em recordação da visita, a paróquia toma qualquer iniciativa: uma pintura da igreja e da casa paroquial, uma lápide comemorativa, uma iniciativa duradoura como podia ser uma vigília ou um dia de oração pelas vocações, pela atenuação das violências etc. Esse tipo de visita corresponde melhor à situação concreta do Povo. Para mim mesmo constitui uma experiência de trabalho conjunto com os padres e leigos de uma região pastoral: sinal de trabalho comum do irmão bispo com seus colaboradores em nível de paróquia e de região. Espero em três anos visitar todas as paróquias. Trabalho pesado mas gratificante e fecundo.

09 — C: EM março o senhor irá a Roma, para a visita "ad limina". O que quer dizer "ad limina" e qual o sentido da visita "ad limina"?

A: Ao pé da letra: "visita às soleiras", acrescentando-se "dos Apóstolos". Pelo atual Direito Canônico (Cânon 400) os bispos são obrigados a fazer a "visita à soleira dos Apóstolos" São Pedro e S. Paulo todos os cinco anos. Com a expressão "soleira dos Apóstolos" se entende a visita à sepultura de S. Pedro, na Basílica do Vaticano, e à sepultura de S. Paulo, na Basílica de S. Paulo fora dos muros. São os dois príncipes dos Apóstolos, símbolos da Igreja de Jesus Cristo. A visita "ad limina" inclui ainda a visita ao Papa, visita que pode ser coletiva ou individual. A visita às diversas Congregações ou Ministérios da Santa Sé. Em geral se visitam as quatro Basílicas maiores: além de S. Pedro e S. Paulo, a Basílica de S. João do Latrão (Catedral de Roma) e a Basílica de S. Maria Maior. Em 1986 a visita ao Papa incluiu uma visita pessoal de 10 minutos, uma celebração conjunta, uma audiência coletiva e afinal um almoço comum. Qual o sentido da visita "ad limina"? Pedro — o Papa — é, por instituição divina, o fundamento da unidade visível da igreja (Cf Mt 16, 13-20). Visitar de vez em quando o papa é dar um sinal de reconhecimento do Primado e demonstrar a unidade fundamental de todos os sucessores dos Apóstolos — os bispos. — com o sucessor de Pedro — o Papa. Nessa ocasião os bispos ouvem palavras de orientação e de louvor ou de censura ao seu trabalho pastoral, sempre no sentido da colegialidade episcopal — todos os bispos no mundo inteiro unidos entre si, com Pedro e sob Pedro. Na mesma ocasião os bispos têm oportunidade de conversar com as Congregações-Ministérios da Santa Sé, para se informarem dos trabalhos de cada uma, para darem informações e receberem orientações. Creio que, apesar das falhas (inclusive esta de falar apenas dez minutos com o Papa, cada cinco anos...), a visita quinzenal é importante como sinal de nossa unidade com o sucessor de Pedro.

COLUNA DO CARLITUS

Carlitos está feliz, porque a Diocese vai ganhar mais dois DIÁCONOS PERMANENTES. São eles: Sebastião Cosme, da Paróquia do Cruzeiro do Sul e Sandoval, de Comendador Soares.

Os dois encaminharam o pedido de Ordenação logo após o diaconato de Jorge Luiz. O Conselho Presbiteral deixou amadurecer a idéia e agora, felizmente, aprovou. Aguardamos apenas a data de Ordenação. Parabéns, do Carlitos, aos dois novos futuros diáconos.

Há informações de que, daqui a pouquinho, a Diocese fará um anúncio oficial proclamando a abertura do diaconato para outros candidatos.

A Escola de Fé está entrando em tempo de férias. Foram animadas as festas de encerramento. As duas turmas do Centro de Formação e uma de Nilópolis reiniciam suas atividades na primeira semana de fevereiro.

Para este ano a Escola de Fé está programando um Curso de Reciclagem para todos os que passaram pela Escola. E abrirá uma nova turma em Queimados.

O Região I já se prepara para a Visita Pastoral do bispo, nos meses de maio a julho. A preocupação é a de preparar missionários que transformem a visita num tempo forte de evangelização regional.

A Paróquia de Mesquita, em sua Assembléia Paroquial, tentou conciliar suas prioridades com a visita do bispo e as prioridades da Diocese. Escolheu como prioridades para 1990: Juventude, Pastoral de Crismae Pastoral Familiar.

Começam a surgir em algumas paróquias Movimentos de Juventude, de certa forma desligados da comunidade e sem muita sintonia com as linhas pastorais da Diocese. Isto tem provocado preocupações. Algumas delas foram apresentadas na Assembléia Diocesana de novembro.

O Movimento de Renovação Carismática, embora ainda não reconhecido oficialmente em nossa Diocese, vem sendo acompanhado pelo Pe. Deolindo, da Paróquia de Nova Mesquita. Espera-se, assim, ter mais clareza sobre o Movimento e ajudá-lo a discernir bem os frutos da ação do Espírito.

Pastoral da Juventude e Comissão Diocesana de Catequese buscam entendimento em relação à Pastoral da Crisma. A pergunta gira em torno de quem assume os crismados.

Círculo bíblico faz curso

A Regional I de Círculos Bíblicos fará um curso de três dias, que terá como tema o Evangelho de São Mateus.

O curso pretende dar formação à coordenadores de Círculos Bíblicos e será aberto a participação de pessoas de outros regionais.

O curso se realizará nos dias 15, 16 e 17 de janeiro, das 14:30 às 17 horas no Cepal, com assessoria do Padre Cláudio Leterme.

HISTÓRICO DA CAMINHADA DOS MINISTÉRIOS EM NOVA IGUAÇU

Comissão Diocesana
de Ministérios

68 — A Igreja de Nova Iguaçu desde o início assume claramente a linha de renovação do Concílio Vaticano II com as orientações da Conferência Episcopal de Medellín, começando a caminhada das CEBs com a opção pelos pobres. As CEBs são o "chão fecundo" de onde brotam os vários serviços e ministérios.

Nascem assim muitas iniciativas pastorais, em respostas aos problemas do homem da Baixada Fluminense e no mesmo tempo percebe-se a exigência de uma formação básica e sólida dos leigos e atuantes nas várias pastorais.

73 — Por isso em 1973 é inaugurado em Moquetá o Centro de Formação de Líderes. Nestes anos, a partir do Concílio e dos documentos do Papa Paulo VI aprofunda-se em toda a Igreja o tema da Ministerialidade, chegando-se a formular a expressão de que toda a Igreja deve ser ministerial.

74 — Em 1974 o Conselho Presbiteral de Nova Iguaçu, depois de longa reflexão aprova a introdução na diocese dos "Auxiliares da Eucaristia": leigos que auxiliam o sacerdote na distribuição da Eucaristia "não porque faltam padres, mas porque são capazes pelo seu Batismo, pela sua Crisma, pela sua participação na vida comunitária de dar aos irmãos o Corpo e o Sangue do Senhor.

78 — Apesar dos ataques de que a Pastoral Diocesana é feita alvo pela ditadura, a caminhada continua com firmeza e coragem. E em 1978 realiza-se uma semana de estudo e de aprofundamento sobre os Ministérios com Pe. Antoniazzi.

79 — Em Puebla a Conferência dos Bispos da América Latina confirma a "opção preferencial para os pobres" e a atitude de serviço de toda a Igreja.

80 — Em 1980 a Comissão de Vocações e Missões promove o "Ano Vocacional", lembrando o centenário de Pe. João Musch, grande apóstolo e missionário da Baixada. Este ano vocacional é importante porque desperta nas CEBs uma maior sensibilidade e corresponsabilidade para prover as vocações e ministérios da igreja local.

No mesmo tempo está se trabalhando para dar início ao Seminário Diocesano para formação de padres, cuja primeira pedra é lançada no ano seguinte.

83 — A Comissão Diocesana de Vocações e Missões, constituída por leigos, irmãs e padres, recebe também a tarefa de despertar, promover e acompanhar os ministérios.

85 — Em 1985 são preparados os primeiros "Ministros de Batismo" que depois do curso dito de "emergência" são enviados no Dia das Missões, junto com os ministros da Comunhão.

Os ministros de Batismo manifestam o chamado de todo o cristão a ser no mundo profeta



anunciador da Palavra de Deus, sacerdote que oferece a sua vida em união a Jesus, rei da criação e servo dos homens trabalhando para dignidade de cada pessoa humana.

É o primeiro ENVIO oficial de ministros da nossa diocese.

86 — No ano seguinte, após receber a aprovação de Roma, D. Adriano envia também as "Testemunhas Qualificadas do Matrimônio" como novo ministério na igreja de Nova Iguaçu. As Testemunhas Qualificadas do Matrimônio lembram com a sua vida e a sua presença no momento do Sacramento que o casal cristão é sinal no mundo ao amor terno e fiel de Deus para com os homens.

A partir deste ano torna-se uma iniciativa constante Cursos de Formação Permanentes para os ministros atuantes e de preparação para os novos.

O Seminário Diocesano Paulo VI inaugurado em 1986, é o lugar preferido dos encontros de formação.

87 — O grande número de ministros leva a comissão a fazer um primeiro levantamento sobre a situação de cada ministério e a cuidar também de seu cultivo espiritual através de Retiros na Casa de Oração.

88 — Após várias solicitações a comissão começa aprofundar o tema do Diaconato Permanente e apresenta a reflexão no Conselho Presbiteral que incentiva levar adiante este assunto.

No mesmo ano é ordenado Jorge Luiz como primeiro diácono permanente de nossa diocese.

O Envio dos ministros passa a ser celebrado no Dia de Cristo Rei para dar maior destaque aos ministros para o novo ano litúrgico.

89 — Chegamos assim ao ano que estamos vivendo 1989, graças a

Deus.

Em junho do ano passado realizamos a Assembléia dos Pastores e a eleição da nova Comissão Específica para os ministérios, distinta das comissões para Vocações e para as Missões.

A caminhada vai continuar com a graça de Deus em atenção aos sinais dos tempos e aos desafios que nos vêm do "povo que sofre" da Baixada Fluminense.

Já está se pensando em renovar o Ministro da Palavra, através da celebração das comunidades, distinto ministro da Palavra e percebe-se a exigência de valorizar mais os vários ministros que de fato são exercidos na dimensão litúrgica, mas também na dimensão social. Agradecendo a Deus por toda esta caminhada oferecemos nesta ocasião a nossa disponibilidade para servir a Ele nos homens e irmãs.